



## 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social

Sub-Eixo: Ênfase em Questão Urbana

### UMA BREVE APROXIMAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO DE GRAMSCI E LEFEBVRE: AS CATEGORIAS HEGEMONIA E ESPAÇO SOCIAL NA LUTA DE CLASSES

Cátia Cristina Modesto<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho apresentado tem por objetivo realizar uma aproximação entre o pensamento do autor italiano Antonio Gramsci e o filósofo francês Henri Lefebvre, contribuindo para o debate da luta de classes no Serviço Social. A aproximação de pensamentos entre os autores se dará entre as categorias *hegemonia* e *espaço social*.

**Palavras-chave:** capitalismo, hegemonia, espaço social.

**Abstract:** The aim of the present work is to approximate the thinking of the Italian author Antonio Gramsci and the French philosopher Henri Lefebvre, contributing to the debate of the class struggle in Social Service. The approximation of thoughts between the authors will take place between the categories hegemony and social space.

**Key words:** capitalismo, hegemony, social space.

#### AS CATEGORIAS *HEGEMONIA E ESPAÇO*:

Para compreender as categorias *hegemonia* e *espaço*, com base nos pensadores Gramsci e Lefebvre, torna-se necessário explicitar algumas ideias que contribuirão para o desenvolvimento deste trabalho.

Inicialmente, cabe destacar que Gramsci e Lefebvre têm a sociedade capitalista como base comum para consubstanciar e aprofundar os seus estudos, porém engendram suas ideias por caminhos diferentes. Gramsci busca entender a categoria *política* (e seus desdobramentos como: *Estado, hegemonia, sociedade civil e política*). Já Lefebvre tem como foco de estudo a categoria *espaço social*, seu ordenamento, a práxis como forma de romper com a dominação do capital sobre o *espaço*.

Assim, serão apresentadas categorias fundamentais no pensamento de Gramsci, que são: a categoria *política*; o *Estado*; as *sociedades civil e política*; a *esfera econômica*; e a *hegemonia*. Em seguida, será apresentado o pensamento de Lefebvre, abordando o conceito de *espaço social*, o ordenamento realizado pelo capitalismo, alienação e práxis no *espaço abstrato*, luta pela conquista da cotidianidade e a relação *hegemonia e espaço social*.

---

<sup>1</sup> Profissional de Serviço Social, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, E-mail: [catia.modesto@ifmg.edu.br](mailto:catia.modesto@ifmg.edu.br).

O primeiro elemento a ser abordado é o método utilizado por Gramsci para apreensão das categorias existentes na realidade:

Enquanto crítica da política, a reflexão teórica do pensador italiano trabalha o real a partir de categorias que se elevam do abstrato ao concreto, da aparência à essência, do singular ao universal, e vice-versa. Sua reflexão categorial vai apreendendo a processualidade e a historicidade do social, o jogo das relações que permite desvendar a realidade e suas contradições constitutivas (SIMIONATTO, 2010, p. 02).

O movimento que Gramsci realiza para entender a sociedade é histórico-ontológico, sendo o objetivo do pensador italiano entender a complexificação das sociedades capitalistas contemporâneas.

No que se refere ao pensamento de Gramsci, torna-se importante destacar uma categoria que perpassará toda a sua obra que é a *política*, uma vez que para o pensador essa categoria é fundamental para entender a sociedade. Gramsci aborda a economia quando estuda sobre *hegemonia*, tendo em vista que essa categoria encontra-se vinculada à economia, não à *política*.

A importância de iniciar esse trabalho pelo elemento da *política* se justifica pelo fato dessa categoria ser a mais abstrata do estudo de Gramsci, pois é da mesma que o estudioso retira todas as outras categorias, como *hegemonia* e *Estado*.

O primeiro elemento a se ressaltar sobre a *política* em Gramsci é o fato de a mesma ser explicitada a partir do sentido de classe, sendo assim, é essa categoria que particulariza a sociedade capitalista contemporânea, de acordo com o pensador italiano. A perspectiva de classe pode ser evidenciada quando Gramsci afirma que é na *política* que elementos como: governantes e governados, dirigentes e dirigidos existem efetivamente, portanto é nessa categoria que a luta de classes se expressa. Então, a *política* interfere nos processos de luta, de revolução (COUTINHO, 2011, p. 232).

Ainda sobre os “*elementos de política*”, o pensador italiano afirma que a classe que deseja se tornar dirigente tem que lutar também na dimensão política e não apenas na dimensão econômica, o que o estudioso realiza é inserir a “dimensão política” na esfera da luta de classes, rompendo assim com o economicismo. É nesse processo de embate, em busca da direção de uma sociedade, que o partido político se afirma como instrumento, que possui a capacidade de formar consciência (COUTINHO, 2011, p. 232).

A *política* em Gramsci ocorre por dois processos (autonomia e socialização), que são parte constitutiva de seus estudos e se relacionam diretamente com a *ampliação do Estado*.

O primeiro processo é a “autonomia da política”. Esse ocorre porque as sociedades capitalistas se desenvolveram de tal forma que conseguiram “de certa forma descolar” a *economia* da *política*, assim a crise que ocorre na *esfera econômica* não interfere na *esfera política*.

Já o segundo processo é a “socialização da política”. Esse ocorre diante da abertura de determinadas questões e a colocação das mesmas em debate. Assim, quanto mais a *política* se desenvolve em uma determinada sociedade, mais a economia deixa de ser uma barreira para o processo de construção da vida social.

Com base nos dois processos citados acima, torna-se necessário afirmar que para Gramsci a relação entre *economia* e *política* não ocorre mais de forma imediata. A relação direta entre *economia* e *política* passou a ser mediada pela *sociedade civil*. O pensador italiano aponta a complexificação da *política*, pois visualizava o surgimento do capitalismo monopolista. Desta forma, Gramsci parte da certeza que é o modo de produção que caracteriza uma sociedade, portanto a economia é central e é a partir da mesma que surgem as outras dimensões. É esse processo de complexificação da economia que alavanca a complexificação do *Estado* (COUTINHO, 2011, p. 269).

A *política* em Gramsci possui dois sentidos – *amplo* e *restrito* ou *grande* e *pequeno* – onde ambos se complementam, não havendo atribuição de importância a um em detrimento do outro. O sentido amplo da *política* que Gramsci considera é o sentido da universalidade e da liberdade, assim é o momento em que a classe realiza o processo de catarse<sup>2</sup>. Tal processo é o momento em que uma determinada classe formada na *esfera econômica* toma consciência do seu papel no processo econômico e passa a entender que seus interesses econômico-corporativos precisam ser ultrapassados para a dimensão ético-político, ou seja, é preciso um novo projeto de sociedade, que engloba a esfera da produção e da reprodução (COUTINHO, 2011, p.192).

O momento catártico, ou seja, a tomada de consciência, pode ocorrer através da educação, da atuação em movimentos. Nesse sentido, de acordo com o pensador italiano, é

---

<sup>2</sup> O momento catártico é concebido em Gramsci como: “processo de elevação da consciência formada nas determinações imediatas da vida cotidiana à consciência da universalidade do gênero humano – que ele denomina ‘momento ético-político’”. (FILHO & DURIGUETTO, 2014, p.06).

a *política* (diante do processo catártico) que torna o sujeito coletivo/a classe social consciente da história e que o leva a ação, sendo que a mesma permite a construção de uma “classe nacional”, ou seja, uma classe dirigente que tem a *hegemonia* nas mãos (COUTINHO, 2011, p. 192-193). Um exemplo desse processo de catarse foi quando a burguesia, enquanto classe revolucionária, na luta contra o feudalismo, promoveu o momento de catarse, ou seja, tal classe formada na *esfera econômica* toma consciência do seu papel e se insere na dimensão ético-política.

De acordo com Gramsci, a *grande política* compreende: “as questões ligadas à fundação de novos Estados, à luta pela destruição, pela defesa, pela conservação de determinadas estruturas orgânicas econômico-sociais” (COUTINHO, 2011, p. 243). Essa é, portanto, a luta entre projetos políticos, que promove a conservação ou destruição de uma sociedade em seus princípios mais orgânicos. É *grande política* a discussão de princípios, orientações que faz avançar a sociedade. Cabe ressaltar ainda que, a “fundação de um novo Estado” requer uma nova esfera de produção e uma nova esfera de (re)produção.

Já a *pequena política* envolve questões parciais e manipulatórias. A mesma ocorre quando não há enfrentamento de projetos políticos na sociedade, ou seja, quando uma das classes não consegue colocar em pauta a transformação de uma sociedade. De acordo com Gramsci, a *pequena política*: “compreende as questões parciais e cotidianas que se apresentam no interior de uma estrutura já estabelecida em decorrência de lutas pela predominância entre as diversas frações de uma mesma classe política” (COUTINHO, 2011, p. 243). Assim, a *pequena política* é a *política* contida nos limites da sociedade em que se vive. É a *política* restrita no âmbito do *Estado*, ou seja, a luta dentro do próprio *Estado*, e não tem por objetivo a transformação do mesmo, assim não visa a “fundação de novos Estados” como no sentido amplo e sim a manutenção do mesmo. Nas sociedades capitalistas mais complexas existe uma possibilidade dessa incorporar direitos, mas isso não significa que levará a uma nova sociedade.

Pode-se afirmar, com base no desenvolvimento das categorias imbricadas ao movimento real, que a *política* em Gramsci não é uma categoria que tem sua fundamentação meramente abstrata, ao contrário a mesma é determinada pelas condições objetivas que os sujeitos se encontram, ou seja, essa categoria está posta na realidade, onde a mesma determina e é determinada pelo movimento real.

Diante da explanação sobre *política*, cabe nesse momento refletir sobre a categoria *Estado* em Gramsci. O estudioso observa uma complexificação dessa categoria,

denominando a mesma de “Estado integral”, o termo é utilizado para definir um *Estado* que se amplia e se integra a outros setores da sociedade. Essa terminologia “Estado integral” é traduzida como “Estado ampliado”, porém essa expressão não é do Gramsci e sim de Christine Buci-Glucksmann que em 1975 o publicou em seu livro “Gramsci e o Estado”, para designar a relação entre *Estado* e *sociedade civil* (TEXIER, 2007). A denominação *Estado ampliado* será a utilizada nesse trabalho, tendo em vista que essa é aceita e utilizada no meio acadêmico, e também por ser fiel ao pensamento gramsciano.

Gramsci escreve seus textos diante de um contexto histórico marcado pelo capitalismo monopolista com a presença de organizações vinculadas as classes trabalhadoras e ao capital; conquista do direito de voto de forma universal; presença do fascismo e nazismo frutos da conquista da *hegemonia* pela burguesia; e a complexificação de vários elementos vinculados a sociedade como ideologia, direito e cultura (FILHO & DURIGUETTO, 2014, p.10). É diante desse contexto, que Gramsci elabora “*um novo conceito de Estado*”:

[...] Este estudo também leva a certas determinações do conceito de Estado, que, habitualmente, é entendido como sociedade política (ou ditadura, ou aparelho coercitivo, ara moldar a massa popular segundo o tipo de produção e a economia de um dado momento), e não como equilíbrio da sociedade política com a sociedade civil (ou hegemonia de um grupo social sobre toda a sociedade nacional, exercida através das organizações ditas privadas, como a igreja, os sindicatos, as escolas, etc.) [...]. (COUTINHO, 2011, p.267).

A afirmação realizada acima evidencia que Gramsci observa um *Estado* mais complexo, onde existe a tensão entre a esfera coercitiva e a esfera de caráter consensual. Ao identificar a ampliação do *Estado*, significa reconhecer a relação diferenciada que se dá entre a esfera do *Estado* e da *sociedade civil*, que formam uma unidade e uma distinção, onde não é possível pensar em somente umas das esferas. Assim, *Estado ampliado* em Gramsci é *sociedade política* somada a *sociedade civil* (COUTINHO, 2011, p. 269).

As sociedades complexas reúnem em sua estrutura três esferas que ganham forma diante da complexificação das relações sociais no capitalismo, sendo elas: *esfera econômica*, *sociedade política* e *sociedade civil*. Essas esferas são fundamentais para entender a categoria *hegemonia*.

A *sociedade política* está vinculada ao poder, a coerção. É a esfera da consolidação de uma classe social, diante da extensão do seu poder da *esfera econômica* para a esfera *política*. Tal extensão se dá com a criação, pela classe dominante, de uma estrutura

administrativa, burocrática e repressiva que garante a tal classe o poder. Por isso, para Gramsci a *sociedade política* é formada por aparelhos administrativos repressivos burocráticos (FILHO & DURIGUETTO, 2014, p.11).

A esfera *econômica* é o lugar onde ocorre a economia e conseqüentemente é onde as classes sociais se formam. Gramsci realiza seus estudos com base nas transformações ocorridas no final do século XIX e início do século XX. Na estrutura interna do capitalismo tem-se a instauração da sua fase monopolista marcado pela concentração, centralização e parasitismo do capital financeiro. Ocorre ainda nessa estrutura interna a mudança no processo de organização e diversificação das classes sociais. Com surgimento dos setores médios e para além das classes trabalhadoras existia ainda o lupem proletariado. As classes trabalhadoras adquirem a capacidade de se organizar, de se colocar como sujeito político diante da formação de partidos políticos pela mesma, ou seja, obtêm a capacidade de se colocar na esfera da *sociedade política* para demandar direitos. No nível externo tem-se a experiência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS - que tencionou a estrutura da sociedade capitalista. Tais mudanças, internas e externas, mudou a configuração do *Estado* burguês, pois todo esse movimento econômico fez com que a relação direta de poder (*esfera econômica* <-> *sociedade política*), passasse a ser mediada pela esfera da *sociedade civil* (SIMIONATTO, 2010).

A *sociedade civil* é uma sociedade de mediação (entre *sociedade política* e *esfera econômica*) é o espaço de organização das classes sociais. Gramsci afirma que *sociedade civil* se baseia: “(...) no sentido de *hegemonia* política e cultural de um grupo social sobre toda a sociedade, como conteúdo ético do Estado” (COUTINHO, 2011, p. 268). Desta forma, a organização se dá no nível ético-político, na qual as classes passam a ter condição de elaborar um projeto societário, diante da tomada de consciência a partir das mudanças na *esfera econômica*. Assim, é na *sociedade civil* que se constroem e entram em disputa projetos ético-políticos para a sociedade. Por ser um espaço de disputa essa esfera tem caráter plural, onde se organizam todas as classes. (FILHO & DURIGUETTO, 2014, p.10).

As organizações que se colocam em disputa no interior da *sociedade civil* constituem os aparelhos “privados” de *hegemonia*. Tal esfera se constitui em um novo poder, o qual é denominado de *hegemonia/ direção*. O que as classes objetivam ao construir e lutar por um projeto societário é que o mesmo obtenha a capacidade de dar direção a sociedade, através da obtenção da *hegemonia*, legitimidade. (COUTINHO, 2011, p. 290).

Gramsci afirma ainda que a obtenção da *hegemonia*<sup>3</sup> gera imediatamente uma *contra-hegemonia*, assim *hegemonia* é uma luta constante por legitimidade no interior dos aparelhos “privados” de *hegemonia*. Logo, a classe que detém o poder na *sociedade política* teve que conquistar a legitimidade na *sociedade civil*, por isso para Gramsci:

Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições principais para a própria conquista do poder); depois, quando exerce o poder e mesmo se o mantém fortemente nas mãos, torna-se dominante mas deve continuar a ser também ‘dirigente’ (COUTINHO, 2011, p. 290).

A *hegemonia* é composta pelos elementos de consenso que uma determinada sociedade constituiu. Esses elementos são: culturais, políticos, econômicos, ideológicos, social.

Com base no que foi exposto acima é possível relacionar a busca pela conquista da *hegemonia* com a produção social do *espaço*. De acordo com Cardoso (2011, p. 59) em certa medida, a práxis política para conquista da cotidianidade proposta por Lefebvre pode ser analisada junto com a produção de *hegemonia* em Gramsci.

Para Lefebvre cada modelo econômico determina a ocupação e a produção do *espaço*. O mesmo se caracteriza por ser o lugar de reprodução das relações de produção na sociedade, assim sendo caracterizado a partir da concepção lefebvriana como *espaço social* (LEFEBVRE, 1973 apud CARDOSO, 2011, p. 56).

Sendo o *espaço* determinado e ao mesmo tempo determinação do modo de produção, cabe ressaltar que o cenário atual tem como modelo econômico o capitalismo que instaurou por volta século XVI ao século XVII, quando ocorreu a transição do feudalismo para o capitalismo, a classe burguesa despontou no cenário como a classe revolucionária e tinha por intenção a derrubada da nobreza (NETTO & BRAZ, 2008).

Um dos elementos que caracteriza a sociedade capitalista, e se torna expressão do poder da burguesia é o fundamento da propriedade privada. Lefebvre (2008, p. 57) afirma

---

<sup>3</sup> De acordo com Gruppi (2000, p. 1) *apud* Filho & Duriguetto (2014, p. 11), “o termo hegemonia deriva do grego *eghestai*, que significa ‘conduzir’, ‘ser guia’, ‘ser líder’, ou também do verbo *eghemoneuo*, que significa ‘ser guia’, ‘preceder’, ‘conduzir’, e do qual deriva ‘estar à frente’, ‘comandar’, ‘ser o senhor’. Por *eghemonia*, o antigo grego entendia a direção suprema do exército. Trata-se, portanto, de um termo militar. Hegemônico era o chefe militar, o guia e também o comandante do exército”.

que a burguesia, possui um “duplo poder sobre o *espaço*”, o primeiro se materializa através da propriedade privada do solo, que se espalha por todo o *espaço* e o segundo por meio da globalidade que o autor determina como o conhecimento, a estratégia e a ação do *Estado*.

Desta forma o *espaço* se torna instrumental ao capitalismo, portanto ele não é neutro e pode ser ordenado pela ideologia burguesa ou pela ideologia da classe operária. Logo, o *espaço* é elemento de disputa, de busca da *hegemonia*, ou seja, o *espaço* é político. De acordo com Lefebvre (2008, p. 61):

[...] Ora, é evidente, agora, que o *espaço* é político. O *espaço* não é um objeto científico descartado pela ideologia ou pela política; ele sempre foi político e estratégico. Se esse *espaço* tem um aspecto neutro, indiferente em relação ao conteúdo, portanto “puramente” formal, abstrato de uma abstração racional, é precisamente porque ele já está ocupado, ordenado, já foi objeto de estratégias antigas (....). O *espaço* é político e ideológico. É uma representação literalmente povoada de ideologia.

Ao abordar a categoria *espaço* sob a ótica do poder, de relações de poder significa reconhecer que o *espaço* é um elemento que também explica o capitalismo, pois interfere na relação de produção. De acordo com Soja (1993, p. 99) o *espaço* não é uma estrutura separada, descolada da realidade, que possui leis autônomas. Também não é expressão da sociedade de classes. A estrutura do *espaço* é um elemento dialético definido pelas relações de produção, assim tais relações são sociais e espaciais.

O que se pretende ressaltar diante das afirmações realizadas acima é que o *espaço* não é um lugar onde atuam relações políticas, culturais, econômicas; o que se pretende revelar é que o *espaço* é um dos elementos, que no modelo capitalista, forma e reproduz essas relações. Sobre a reprodução das relações de produção Lefebvre afirma:

As relações de produção, características da sociedade capitalista, carecem elas mesmas de ser reproduzidas. Uma sociedade é uma produção e reprodução de relações sociais e não só uma produção de coisas. (...) Ora, as relações sociais não se reproduzem e não se reproduzem apenas no *espaço* social em que a classe operária age, pensa e localiza, isto é, a empresa. Reproduzem-se no mercado, no sentido mais amplo do termo, na vida quotidiana, na família, na ‘cidade’, reproduzem-se também onde a mais-valia global da sociedade se realiza e se reparte e é dispendida, no funcionamento aglobal da sociedade, na arte, na cultura, na ciência e em muitos outros sectores, mesmo no exército. (LEFEBVRE, 1973, p.109-110).

Diante da citação acima, torna-se relevante afirmar que a reprodução das relações sociais rompe com o *espaço social* onde ocorre o trabalho, tal reprodução se desenvolve em todas as esferas da vida do sujeito, dentre elas: o cotidiano. Então como elemento de reprodução das relações de produção no capitalismo, o *espaço social* se encontra inserido na totalidade, sendo, portanto, um elemento que pode reforçar a alienação ou levar a uma práxis revolucionária. (CARDOSO, 2011, p. 57).

Situar o *espaço* na totalidade, significa reconhecer que esse se inscreve nas contradições capitalistas, podendo reforçar a alienação quando, de acordo com Cardoso (2011), esse é subordinado a condição de mercadoria, ou seja, esse se torna uma mercadoria, na qual o valor de troca subordina o seu valor de uso, sendo o *espaço* suscetível (assim como o capitalismo promove com as relações de produção) de ser homogeneizado, hierarquizado, fragmentado. Sendo assim, nos termos da autora “um espaço alienado e fonte de alienação”. (CARDOSO, 2001, p. 57).

O *espaço alienado* se caracteriza nas palavras de Lefebvre (2006, p.27) por ser um *espaço abstrato* criado pelo capitalismo. Enquanto forma abstrata, em que a ocupação e produção é determinada pelo capital, o *espaço* possibilita ao capitalismo atenuar as suas contradições e garantir a reprodução desse modo de produção, isso é possível com a subordinação do *espaço social* ao *abstrato*.

Porém, como revela Cardoso (2011, p. 57) é diante da transformação do *espaço social* em *espaço abstrato* que surgem as formas de contestação a forma abstrata e que possibilita uma práxis revolucionária. Pois, é diante dos conflitos sociais que buscam o uso e ocupação do *espaço* (diferente da determinada pelo capital), de forma não alienada, que ocorre o embate com as contradições das sociedades capitalistas, consubstanciando assim, o surgimento de uma nova práxis espacial.

É justamente, a ameaça de surgimento de uma nova práxis que obriga o capitalismo a se alterar para manter a sua dominação. Lefebvre (1973, p. 09) *apud* Cardoso (2011, p. 54-55) afirma que o capitalismo “é uma totalidade não consumada”, em outras palavras o mesmo não está consumado, ao contrário se encontra aberto e que justamente por isso que precisa se adaptar para se realizar. O autor afirma ainda que o capitalismo controlou algumas contradições, mas sem garantir a coesão que visava. É isso que o torna contraditório, pois tem-se um sistema formado por partes opostas que entram em conflito/lutam a todo momento.

Portanto, o capitalismo conseguiu fazer do *espaço* um instrumento que suaviza suas contradições, através da homogeneização, e também um instrumento que possibilita a sua reprodução, a partir do ordenamento do mesmo. Para produzir socialmente o *espaço* o capitalismo coordena o processo de urbanização, no qual a população se enquadra uma cotidianidade programada:

[...] O Novo, de alguns anos para cá, é que as consequências da industrialização numa sociedade dominada pelas relações de produção e de propriedade capitalista (um pouco modificadas, mas conservadas em sua essência), se aproxima de seu termo: uma cotidianidade programada num ambiente urbano adaptado para esse fim. (LEFEBVRE, 1991 *apud* CARDOSO, 2011, p. 58).

Lefebvre (1991 *apud* CARDOSO, 2011, p. 59) denomina como “encapsulamento da vida cotidiana” esse processo de determinação da cotidianidade pelo capital. O que o autor propõe para reverter esse mecanismo é uma práxis política que conquiste novamente o cotidiano da vida.

É nesse processo de luta pela cotidianidade que os estudos de Gramsci sobre *hegemonia* se tornam imprescindíveis para estruturar uma estratégia de ação, pois a conquista do *espaço* requer a conquista da *hegemonia*.

Lefebvre (2006, p.19) afirma que o conceito que Gramsci elaborou sobre *hegemonia*, para orientar a classe trabalhadora na busca do consenso e coesão social, permite também entender a ação da burguesia em relação ao *espaço*. O autor parte do entendimento de que a *hegemonia* se exerce em todas as esferas da sociedade, incluindo o saber e a cultura, e se manifesta ou por instituições ou representações. Ora se a *hegemonia* se dá em diferentes esferas, essa também se manifesta no *espaço*:

Como a hegemonia deixaria de lado o espaço? Este seria apenas o lugar passivo das relações sociais, o meio de sua reunificação tendo tomado consistência, ou a soma dos procedimentos de sua recondução? Não. Mais adiante se mostrará o lado ativo (operatório, instrumental) do espaço, saber e ação, no modo de produção existente. Será mostrado que o espaço e a hegemonia se exerce por meio do espaço constituindo, por uma lógica subjacente, pelo emprego do saber e das técnicas, um 'sistema' (LEFEBVRE, 2006, p.19).

Logo, ao reconhecermos o papel do *espaço* na reprodução das relações de produção no sistema capitalista, significa reconhecer que o *espaço* é fruto de prática social, ou seja, ele é

um produto histórico de caráter político e ideológico. Mais que isso significa reconhecer também que o *espaço* o lugar de disputa de saberes, práticas, técnicas.

O que se pretende afirmar, diante de toda explanação realizada anteriormente é a busca pela *hegemonia* deve ocorrer também no *espaço*, pois como já foi relatado, o mesmo tem se mostrado como um instrumento de alienação ou práxis. No qual, o caráter desse instrumento será determinado pelo projeto societário que se tornar dirigente e dominante.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Ao final desse trabalho cabe fazer algumas considerações sobre a direção assumida tanto por Gramsci, quanto por Lefebvre.

Sobre o pensamento gramsciano, cabe destacar que as categorias apresentadas nesse trabalho (*política, Estado, hegemonia*) revelam que de fato autor ultrapassa a luta de classes para outras esferas da sociedade (*civil e política*), rompendo coma a ideia economicista de que a luta ocorre apenas na *esfera econômica*.

Cabe considerar também que o autor não tem uma visão politicista, tendo em vista que torna-se evidente que Gramsci parte de uma base econômica para entender a *política* (em seus diversos elementos como: o papel, as determinações, os atores, o poder) no âmbito da luta de classes.

A ideia de *ampliação do Estado* elaborada pelo pensador italiano, e que perpassa a busca pela *hegemonia* se dá através de um projeto ético-político que deve obter a direção societária, sendo necessária para isso conquistar legitimidade, se mostra atual e imprescindível para a busca da direção.

A *hegemonia* defendida por Gramsci, em certo ponto, corrobora com a ideia de Lefebvre de que a luta e conquista do *espaço social* é um dos elementos que se tornam fundamentais pela busca da *hegemonia*.

Lefebvre defende que o modo de produção capitalista ordena o *espaço* para garantir a reprodução das relações sociais de produção. O autor destaca ainda que a apropriação da vida cotidiana é fundamental para que o capitalismo disfarce as suas contradições e é ao defender a conquista da cotidianidade pela classe trabalhadora que os pensamentos de Gramsci e Lefebvre se cruzam. Tendo em vista, que a *hegemonia* se exerce através do *espaço*.

Por fim, cabe ressaltar que a aproximação entre *espaço* e *hegemonia* é válida para evidenciar as diferentes esferas que os projetos ético-políticos disputam, bem como evidenciar que a *hegemonia* se exerce através do *espaço*, assim a luta por legitimidade também perpassa essa esfera, que atualmente o capitalismo está direcionando.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Isabel Cristina da Costa. **O Espaço urbano e a re-produção das relações sociais no pensamento de Henri Lefebvre: Contribuições à teoria social crítica**. Revista Libertas. v. 11, n.2, p. 53-76. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Serviço Social: 2011.

COUTINHO, Carlos Nelson (org). **O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FILHO, Rodrigo Souza; DURIGUETTO, Maria Lúcia. **A importância da “política” no pensamento de Gramsci**. Revista Educação e Fronteiras On-line. v. 4, n. 11, p. 5-20. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2014. Disponível em: [http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/viewFile/4358/pdf\\_228](http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/viewFile/4358/pdf_228)

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. 2006. Disponível em: [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq\\_interface/1a\\_aula/A\\_producao\\_do\\_espaco.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf)

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SIMIONATTO, Ivete. **O social e o político no pensamento de Gramsci**. 2010. Disponível em: <http://www.gramscimania.info.ve/2010/12/o-social-e-o-politico-no-pensamento-de.html>

SOJA, Edward William. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

TEXIER, Jacques. **O pensamento político de Gramsci**. 2007. Disponível em: <http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=776>